

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O Trilho do Gato – William A. Wellman  
13, 18 e 27 de Novembro de 2025

**Westward the Women / 1951**  
**Caravana de Mulheres**

*Um filme de William A. Wellman*

*Realização:* William A. Wellman *Argumento:* Charles Schnee, *segundo uma história original de Frank Capra* *Fotografia:* William Mellor *Direcção Artística:* Edwin B. Willis, Ralph S. Hurst *Música:* Jeff Alexander *Montagem:* James E. Newcom *Interpretação:* Robert Taylor (Buck Wyatt), Denise Darcel (Fifi Danon), Hope Emmerson (Patience Hawkley), John McIntire (Roy Whitman), Julie Bishop (Laurie Smith), Lenore Lonergan (Maggie O'Malley), Henry Nakamura (Ito), Marilyn Erskine (Jean Johnson), Renata Vanni (Antonia Maroni), Beverley Dennis (Rose Myers), Patrick Conway (cow-boy), Bruce Cowling ("Cat"), George Chandler, Guido Martuffi.

*Produção:* Dore Schary, para a MGM *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português *Duração:* 116 minutos *Estreia Mundial:* 31 de Dezembro de 1951, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 11 de Junho de 1953, cinema São Jorge, Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca:* 30 de Outubro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

**NOTA**

***Westward the Women* vai ser apresentado, além das sessões previstas a 13 e 27 de Novembro, também na sessão do dia 18, às 19 horas, substituindo uma das passagens de *The Lady of Burlesque* cuja cópia disponível (um DCP) não tem infelizmente qualidade de projecção que permita a exibição pública.**

**Na sessão de dia 13, é distribuída a "folha" com o texto de Manuel Cintra Ferreira, originalmente escrito em 1993 e que acompanhou as três projecções do filme na Cinemateca até esta data. As sessões seguintes contarão com um novo texto, escrito no contexto da presente retrospectiva. Na "folha" de MCF, o título indicado como "o melhor western de sempre" é *The Searchers* de John Ford, pelo qual o autor tinha uma muita especial devoção. (MJM)**

---

Se um dia me pedirem a lista dos melhores *westerns* **Westward the Women** não ficará no primeiro lugar, porque esse está cativo de forma imutável. Mas ficará bastante para a frente na lista dos primeiros dez. Porque esta obra-prima de Wellman não é só um dos exemplos maiores do género, é também (e peso bem as palavras) o melhor *western* histórico de sempre, ou alargando a definição, um dos melhores filmes históricos jamais feitos. É toda a história da criação dos Estados Unidos que aqui surge exposta de forma lapidar e exemplar. E a sua virtude maior é que tal é feito não através de sumptuosas e presunçosas reconstituições históricas (e Michael Cimino, que parece conhecer bem Wellman como testemunha **The Deer Hunter** e **In the Year of the Dragon**, esqueceu-se de ver este filme ao tentar o seu megalómano projecto de **Heaven's Gate**), mas através de uma história linear e simples, mais aparentado a uma modesta série B (todo filmado em exteriores e apenas com uma vedeta, Robert Taylor) e de que estão ausentes completamente os clichés mais tradicionais do género. Ou melhor: o que é absolutamente fantástico neste filme é que tudo (mas tudo) está lá e... não está. Para me fazer entender melhor: se neste filme a elipse tem um papel fundamental (não se vê o ataque dos índios, mas vemos os seus resultados, não se vê o garoto italiano ser atingido e a progressão do episódio evoca a elipse fabulosa do cadáver de William Hopper em **Track of the Cat**), estão nele todos os dramas e perigos da longa travessia que leva de Chicago à Califórnia mas inteiramente despojados de ênfase dramática, excepto num momento sublime que tem muito a ver com o cinema de Wellman (**Goodbye my Lady**): o cão do garoto que regressa à cova onde este está sepultado. O único duelo à pistola que Taylor tem é reduzido ao mínimo e a fuga dos homens que contratara reduz-se a um breve plano do vagão a afastar-se. Desaparecem da caravana e desaparecem da história.

Se este é o filme histórico americano por excelência é porque o episódio que conta (um entre muitos) sintetiza a evolução e a formação de um Estado. Tudo começa, nesta história escrita por um íntimo amigo de Wellman, Frank Capra, outra das suas afinidades estéticas e temáticas, ao lado de Ford, Hawks e Walsh (afinidades ainda

mais flagrantes em **Magic Town**, o filme "capriano" de Wellman, por excelência, por causa do argumentista comum, Robert Riskin) no novo território dos EUA, a Califórnia, sob bandeira americana desde 1848 (o tema, e este mesmo território, já fora objecto de outra incursão de Wellman: **The Robin Hood of El Dorado**). Ali no novo Estado aberto à colonização, Roy Whitman (John McIntire) vê o futuro das terras que possui no desenvolvimento e no aumento da população. Sonha com uma cidade, famílias, igrejas, escolas (esquece os impostos, o que o distingue dos barões de gado que se opunham à colonização, que filmes recentes tinham retratado, entre eles o **Duel in the Sun**, de King Vidor). Para isso parte com o companheiro Buck (Robert Taylor) para Chicago para recrutar mulheres que queiram iniciar uma vida nova, naquele mundo predominantemente masculino. Se os primeiros colonos eram na maioria aventureiros, marginais da cidade onde perderam as esperanças de uma vida melhor, e emigrantes de várias partes do mundo, também a maior parte das mulheres que os seguiram representavam a mesma miséria humana. E é esta que responde ao apelo de Whitman, sob o cartaz que oferece a oportunidade de um marido e vida nova na Califórnia. Mas no momento da partida alerta-as para os perigos que vão atravessar e dá uma última oportunidade a quem quiser desistir. À margem do argumento diga-se que Wellman procedeu da mesma forma. Antes de iniciar as filmagens reuniu todas as mulheres contratadas para o filme e disse-lhes, *"não haveria lugar para prima-donas durante as onze semanas de filmagens previstas nas montanhas do Utah e nos desertos da Califórnia, que iriam ser demoradas, sujas e cansativas"*. E ofereceu uma última oportunidade para quem quisesse retirar-se do filme. Depois sujeitou-as a um duro treino básico de três semanas, que incluía condução de carroças, tiro, chicotes e corridas de cavalo entre outros desportos "amenos". A dureza das filmagens é evidente, em particular na fabulosa travessia do deserto de Mojave, última etapa antes da terra prometida (na qual se desfazem dos últimos ornamentos e recordações do passado), e que é um dos melhores momentos de cinema, só comparável ao famoso final de **Greed**, de Stroheim, ou na descida dos vagões pela colina.

É na viagem que este aço humano vai ser temperado, e no percurso vão perdendo todos os atavios e tudo o que as liga ao passado, por vezes de forma dramática: a emigrante italiana que vê morrer o filho no treino de tiro. E ao chegarem a Whitman's Valley, estão irreconhecíveis: sujas, de roupa rasgada, mulheres novas e irreconhecíveis (todo o filme é um verdadeiro testemunho de admiração de Wellman por estas mulheres), mas não correm, nesse estado, para os braços dos futuros maridos. A lavagem no rio é como uma purificação, e o deslumbrante desfile que se segue parece uma parada de noivas de Primavera, seja qual for a idade delas e a sua figura, da irresistível matrona que conduz a caravana à ex-prostituta, Denise Darcel, a quem caberá Taylor em "troféu". E última e não importante cerimónia significativa (onde se projecta uma certa ideia do matriarcado): são elas que vão escolher os maridos, num momento irresistível. Para trás ficou o homem da terra prometida, Whitman, como Moisés morto quase à sua chegada.

E quando chegamos ao final, reparamos que, no fim de contas, as quase duas horas de filme se resumem à viagem, aos perigos que têm de enfrentar, humanos (os índios) e naturais (as montanhas, as areias movediças, as escarpadas colinas que têm de transpor, vencendo tudo, inclusive os conflitos que surgem entre algumas, como as duas "pistoleiras", no desejo comum de se afirmarem e iniciarem uma nova vida). Não se passa nada e como em **Good-Bye, My Lady** passa-se tudo, todos os sentimentos, todos as emoções, um erotismo simples e despojado (a sensualidade natural das cenas de banho no rio), um humor onde não falta uma nota de provocação (*"Do you never... shave?"*, pergunta Denise Darcel a Robert Taylor, perante o ar encabulado deste) e mesmo (porque não?) um certo toque perverso: no magote de homens que correm quando recebem a notícia da chegada das mulheres, um deles fica para trás, para dar um pontapé na cabra que arrastava... em toque de despedida?

Manuel Cintra Ferreira